FRONTEIRAS
REVISTA DE HISTÓRIA
OPEN ACCESS
PPGH Programa de Pós-Graduação em História

DOI: https://doi.org/10.30612/frh.v27i50.19956

Gonçalves Dias: escrita literária e subjetivação no Brasil oitocentista

Gonçalves Dias: literary writing and subjectivation in nineteenth-century Brazil

Gonçalves Dias: escritura literaria y subjetivación en el Brasil del siglo XIX

Edwar Castelo Branco
Universidade Federal do Piauí – UFPI
edwar2005@uol.com.br
https://orcid.org/0000-0002-1311-0597

Isaac Gonçalves Souza
Universidade Federal do Piauí – UFPI
isaaxouza@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-3379-9915

Resumo

Gonçalves Dias, poeta maranhense que obteve significativo reconhecimento nacional, é o principal personagem desse texto, o qual aborda os primeiros anos da monarquia brasileira. O processo histórico de subjetivação de Gonçalves Dias, a sua luta pessoal para converter-se em sujeito com protagonismo histórico são abordados com suporte de autores como Michel Foucault e Roland Barthes. Procura-se, através do exemplo de Gonçalves Dias, demonstrar que o processo de subjetivação pode ser vivido como sujeição, mas, na mesma medida, esta sujeição pode ser historicamente mudada pelos indivíduos sujeitados, figurando assim como subjetivação. Com este molde teórico indaga-se como, numa sociedade escravocrata, recém-saída da condição política de colônia, ainda aleijada de um discurso oficial de identidade, um jovem mestiço, bastardo, órfão e pobre, encetou táticas de subjetivação a fim de inventar para si uma existência singular.

Palavras-chave: História do Brasil; Literatura brasileira; Subjetividade.

Abstract

Gonçalves Dias, a poet from Maranhão who achieved significant national recognition, is the main character in this text, which addresses the early years of the Brazilian monarchy. The historical process of Gonçalves Dias's subjectivation, his personal struggle to become a subject with historical protagonism, is explored with the support of authors such as Michel Foucault and Roland Barthes. Through the example of Gonçalves Dias, the text seeks to demonstrate that the process of subjectivation can be experienced as subjection, but, equally, this subjection can be historically changed by the subjected individuals, thus becoming subjectivation. With this theoretical framework, the text questions how, in a slave-owning society, recently emerged from the political condition of a colony, and still crippled by an official discourse of identity, a young mixed-race man, illegitimate, orphaned, and poor, embarked on tactics of subjectivation in order to invent for himself a singular existence.

Keywords: History of Brazil; Brazilian Literature; Subjectivity.

CC BY NC SA

Resumen
Gonçalves Dias, poeta de Maranhão que alcanzó un notable reconocimiento nacional, es el protagonista de este texto, el cual aborda los primeros años de la monarquía brasileña. El proceso histórico de subjetivación de Gonçalves Dias —su lucha personal por convertirse en un sujeto con protagonismo histórico— se explora con el apoyo de autores como Michel Foucault y Roland Barthes. A través del ejemplo de Gonçalves Dias, el texto busca demostrar que el proceso de subjetivación puede experimentarse como sujeción, pero que, asimismo, dicha sujeción puede ser transformada históricamente por los individuos sujetos a ella, convirtiéndose así en subjetivación. Bajo este marco teórico, el texto examina cómo, en una sociedad esclavista recién salida de su condición política de colonia y aún lastrada por un discurso oficial de identidad, un joven mestizo —ilegítimo, huérfano y pobre— emprendió tácticas de subjetivación para inventar una existencia singular.

Palabras clave: Historia de Brasil; literatura brasileña; subjetividad.

Introdução

Os processos históricos de subjetivação — isto é, a constituição histórica dos sujeitos — são uma relativa novidade nos textos de historiadores. De modo geral, os sujeitos históricos são tomados como entidades naturais, pessoas que preexistem à história e apenas se ajustam a esta. Em decorrência disto, parcela significativa dos acontecimentos é negligenciada nos textos históricos, uma vez que a própria constituição dos sujeitos é algo que se subordina à história. Uma percepção que está presente desde Marx (1969): os homens fazem a história tanto quanto a sofrem.

Esta é a principal motivação a lastrear a escrita deste artigo. Pretende-se arrancar o nome de Gonçalves Dias, reconhecido literato brasileiro, de uma forma de pensamento que o entende como "natureza", com um dado, para compreendê-lo como resultado sempre incompleto de um labor histórico, de um esforço micropolítico de constituição de si mesmo. Ao fazê-lo, espera-se deslocar minimamente a história do Brasil no nascedouro do Estado brasileiro, dando a ver a convergência entre a constituição histórica de um sujeito, Gonçalves Dias, e a constituição histórica de uma nação — o Brasil.

CC BY NC SA

Como se trata de um esforço para dar a ver a história que se passa entre a palavra e a coisa, o trabalho opera principalmente com a ideia de que a palavra não apenas enuncia a coisa, mas a constitui (Foucault, 1999). O sujeito do discurso, ao escrever, ao falar, ao enunciar, substitui a coisa pela palavra. Perde-se, com isto, o contato com a coisa e passa-se a ter contato apenas com a palavra — a palavra é imediata. E sob as ilusões alternativas de ora dar acesso imediato à coisa, ora mediar-lhe o acesso, a palavra nos exila da coisa: a coisa torna-se nada do lado de lá da palavra, nós nos tornamos nada do lado de cá.

Pode-se questionar, na relação entre as palavras e as coisas, se o termo preponderante é a *coisa,* realidade material fundante independente da linguagem, ou se, em última instância, a linguagem, independente da realidade material, é capaz de nos fundar. Pode-se questionar se de fato a própria linguagem não é uma realidade material e se as coisas que reconhecemos como concretas e autônomas não passariam de abstrações – como, por exemplo, o entrecruzamento lacaniano entre o real, imaginário e simbólico. No entanto, tais questões se colocam de maneira significativamente mais pacífica quando deixamos de pensá-las tendo como referência a existência do universo ou a existência universal da humanidade e pensamos exclusivamente na experiência de sujeitos históricos – no presente caso, um escritor. Para um literato, a escrita é de fato o móbil da realidade. A escrita, para o escritor, é *meio* de vida; mas, mais do que isso, ela é um *modo* de vida; e mais ainda: a escrita para o escritor é o próprio espaço em que a vida acontece: condição, consequência, ferramenta, expressão e *lócus* da existência. Noutras palavras, é na escrita, com a escrita, pela escrita e para a escrita que o escritor produz suas condições subjetivas de existência no mundo.

No presente artigo objetiva-se uma aproximação com o poeta maranhense Antônio Gonçalves Dias, perguntando-nos como, no auge do século XIX, numa sociedade escravocrata, recém-saída da condição política de colônia, ainda aleijada de uma identidade, de uma narrativa, de uma imagem de si mesma, um mestiço, bastardo, órfão e pobre, encetou táticas de subjetivação a fim de inventar para si uma existência singular e como isso eclodiu a partir do impossível para a dimensão histórica por meio da escrita.

BY NC SA

Trata-se, em todos os sentidos, de uma indagação, feita no campo da história, sobre como os indivíduos se convertem ou são convertidos em sujeitos e como a escrita pode funcionar nessa operação de subjetivação. Propõe-se que é no interstício entre o sujeito histórico e as complexas técnicas de sujeição/subjetivação que se pode aproveitar a história pessoal de Gonçalves Dias como instrumento de conhecimento de sua época. A subjetividade, neste estudo, é vista como um processo de produção incessante para o qual concorrem vários componentes. O contexto social não apenas oferece, mas também cobra que no processo de passagem de indivíduo a sujeito o humano subjetive certo jeito de ser, certas balizas existenciais. Neste sentido, um literato, "ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva" (Mansano, 2009, p. 111).

Abordam-se, portanto, processos históricos de subjetivação por meio da escrita, lançando-se mão de um sujeito-signo como recurso empírico — o poeta Gonçalves Dias.

1. Uma existência em fronteiras

Antônio Gonçalves Dias nasceu na Vila de Caxias, Província do Maranhão, em 10 de agosto de 1823, em meio às convulsões decorrentes da declaração de Independência do Brasil. Seu pai, João Manuel Gonçalves Dias, era um comerciante português natural de Trás-os-Montes que havia apoiado a resistência do português João José da Cunha Fidié contra a proclamação da independência. Com a derrota do movimento, Manuel fugiu de Caxias com sua amante grávida de nove meses para um sítio que possuía na Mata do Jatobá[1] – em parte, por temer represálias dos nativistas, em parte, para fugir da obrigação do pagamento da multa imposta àqueles que, ao lado de Fidié, resistiram à independência.

[1] Atualmente, o lugar onde Gonçalves Dias nasceu pertence ao território do município de Aldeias Altas, desmembrado de Caxias – MA pela Lei Estadual nº 2173, de 26/12/1961. (Fonte: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/aldeias-altas/historico)

BY NC SA

Antônio Gonçalves Dias nasceu, portanto, num tempo poroso, numa dobra do tempo, no intervalo entre a *colônia* e a *nação*. Sua produção intelectual expressa essa condição fronteiriça, intervalar: o romantismo nacionalista de Gonçalves Dias situa-se entre o enaltecimento das virtudes nativas do selvagem e das virtudes civilizatórias do conquistador. Seu próprio físico também é expressão dessa constituição intervalar: filho mestiço de um homem português e de uma mulher cafuza, trazia no sangue os três principais troncos raciais que viriam a ser tomados na narrativa oficial como os formadores da população brasileira – branco, negro e indígena. Além disso, como intelectual, ele se situou num limiar, pisando ora o terreno da literatura, ora o território da ciência. Figura, pois, como um ótimo exemplo de que que "a escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve" (Barthes, 2012, p. 57)

A construção da carreira de Gonçalves Dias está direta e profundamente ligada ao projeto de nacionalidade brasileira do Império – seu romantismo rejeitou o extremismo antilusitano proposto por Gonçalves de Magalhães[2], frente ao qual apresentava uma nacionalidade fronteiriça, ligada a alguns mitos que erigia ou dos quais se apropriava: o esplendor da natureza, o espírito guerreiro do nativo, a civilização herdada do colonizador europeu. A partir desta intuição, produziu uma obra literária e científica que veio ao encontro do projeto político das elites imperiais do Segundo Reinado. Em 1854[3], quando já havia se tornado, com a publicação de seus *Primeiros Cantos*, o que Alexandre Herculano chamou de "o primeiro poeta brasileiro" (Herculano, 1847), ele escreveu uma nota autobiográfica, a pedido do literato francês Ferdinand Denis, em que narra a si mesmo da seguinte forma:

> As províncias do norte do Brasil foram as que mais tarde aderiram à independência do Império. Caxias, então chamada Aldeias Altas no Maranhão, foi a derradeira. A independência foi ali proclamada depois de uma luta sustentada com denodo por um bravo oficial

[2] Médico e diplomata brasileiro, foi poeta e considerado introdutor do Romantismo no Brasil. Sua obra mais conhecida é "Suspiros poéticos e saudades".

[3] Ver também: MORAES, Jomar. *Gonçalves Dias: vida e obra.* São Luís: Alumar, 1998; Fernandes, Andréa Camila de Faria. *De esperançoso menino do Maranhão a poeta nacional: a consagração da memória de Gonçalves Dias*. Tese (doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

BY NC SA

> português que ali se fizera forte. Isto teve lugar a 1° de agosto de 1823. Nasci a 10 de agosto desse ano (Dias *apud* Pereira, 1943, p. 09).

O emparelhamento simbólico entre o próprio nascimento e o nascimento do Brasil como nação independente é intencional nesse artefato de escrita que Gonçalves Dias faz de si mesmo, e ele saberá usar esse paralelismo para encetar suas táticas de invenção da existência em uma sociedade racista, moralista e elitista. Quando Dias tinha cinco anos de idade, seu pai, João Manoel, o tirou de sua mãe, Vicência Mendes Ferreira, mulher de sangue negro e indígena, sob o pretexto de lhe dar educação. João Manoel pretendia enviá-lo para estudar na Europa, mas faleceu quando o menino Antônio contava ainda treze anos de idade, deixando-o à mercê dos favores da madrasta, com quem viria a ter uma tensa relação. Aluno prodígio de seus preceptores — entre os quais o professor Leão Sabino, que muito o incentivava —, a carreira intelectual parecia-lhe uma vocação, mas a falta de recursos financeiros perturbava. Quando ele alcançou a idade para o curso universitário, foi com auxílio de amigos e de ex-professores que o ingresso na universidade foi viabilizado (Bandeira, 1959). Uma vez estudando direito na Universidade de Coimbra – Portugal, em contato com a efervescência literária dos centros urbanos europeus, decidiu-se a fazer carreira não como advogado, mas como poeta/escritor.

Depois de concluir os estudos em Coimbra e retornar para o Brasil, ressentiu-se da cidade de Caxias, por ela não lhe oferecer possibilidades concretas de realização das suas ambições, o que logo o motivaria a partir para o Rio de Janeiro em busca de inserção entre a elite intelectual do país. Naturalmente, em Portugal, ele havia tido contato – e inclusive havia feito amigos – entre os filhos de importantes famílias de todo o país, o que viabilizaria suas intenções. Em 22 de abril de 1845, pouco depois de concluir os estudos em Portugal e voltar a viver no interior do Maranhão, Gonçalves Dias escreveu uma carta ao amigo Alexandre Teófilo, na qual, com os laivos retóricos que lhe eram próprios, ele assim descreveu sua terra natal:

> Cada vez mais vulgarismo — mais tédio — mais aborrecimento desta imundície — cada dia um novo protesto de me afazer com a minha nova vida — e em cada dia percebo um novo motivo de desgosto — e de descontentamento. Futuro?! Lá se vai com o resto dos meus doidos projetos.

CC BY NC SA

> Poesia?! já lhe perdi o amor e nenhum outro tenho para o substituir — Glória?!
>
> «Glória! il mio destino è d'agonarla
>
> E o de morir, senza avere gustata. (Manzoni)
>
> O meu destino é de a cobiçar do mais íntimo d'alma, e de morrer sem a ter provado» (Carta de 22 de abril de 1845, a Alexandre Teófilo. Anais da Biblioteca Nacional, Volume 84, 1964 – Correspondência Ativa de Antônio Gonçalves Dias, página 34.).[4]

Ambicioso, consciente de seu talento, tendo provado o gosto de um ambiente cultural e artisticamente diverso e movimentado, onde circulavam novas ideias estéticas e políticas, onde a cenografia clássica e heroica dos livros de história e dos grandes romances eram a paisagem urbana comum, tendo frequentado salões requintados e privado com portadores de alguns sobrenomes de maior destaque na política brasileira e portuguesa, o jovem Antônio, aos 21 anos de idade, retorna para o marasmo, ora poeirento, ora enlameado, da vila sertaneja da qual havia saído um quinquênio antes, repleto de esperanças, vendo-se então frustrado e privado de perspectivas:

> ...eu perco meu pai, quando apenas contava treze anos. Acho-me aos quatorze, uma criança, sem ter quem olhe por mim, mas também sem dever satisfações a ninguém, só, sem meios nem recursos, quase a mendigar, e tenho a imensa fortuna de sair dessa posição socorrido pelos meus primeiros e bons amigos que datam desse tempo, mas que eu não conhecera dantes, Teófilo, Serra, Lapa, Rego, Pedro, Morais, Virgílio, Jacobina, maranhenses e aqueles três últimos fluminenses que então estudavam em Coimbra e alguns outros que são hoje dos primeiros homens em Portugal (Carta 293. A Antônio Henriques Leal. Não datada. Anais da Biblioteca Nacional, vol 84, p. 414).

Quando menino, Dias tinha sido aluno de Ricardo Leão Sabino, militar membro do partido liberal que fundara uma pequena escola de latim, francês e filosofia em Caxias, e ocupava lugar de destaque na elite local (Leal, 1868). É possível que, no momento em que retorna a Caxias, o jovem poeta veja na lembrança do intelectual de província do passado o espelho de cristal que lhe revelava o futuro: pelo diploma,

[4] A transcrição feita pela Biblioteca Nacional, sem pretensões filológicas, adotou a ortografia vigente à época. Neste artigo, adota-se ortografia conforme as normas atuais.

BY NC SA

algum respeito entre os leigos e analfabetos do Vale do Itapecuru; uma rotina como professor de filhos de comerciantes e fazendeiros que, eventualmente, se interessassem pelas letras; e, com sorte e um tipo de diplomacia à qual seu orgulho e arrogância juvenil àquele momento não o habilitavam, pleitear cargos públicos, metendo-se de vez na política interiorana onde "a política nacional repercutia em mesquinhas rivalidades" (Pereira, 1943, p. 57).

Para além disso, Antônio estava consciente de que sua situação em Caxias era delicada também pelo que ela representava em termos de dependência financeira dele em relação à madrasta. No cenário econômico e político de Caxias nos anos que seguiram de perto o fim da Balaiada, ele era um deserdado que, longe de poder exigir o que fosse, tinha mais era que agradecer o benemérito da madrasta que – de uma maneira ou de outra, apesar das dificuldades, e malgrado o ressentimento que isso despertava nele – havia possibilitado seus estudos em Portugal, como se ele não fosse um mestiço ilegítimo, mas um filho branco da família. No intervalo entre o mestiço deserdado que efetivamente era e o literato que desejava ser, Dias sabia que "o sujeito é escrito pelo que escreve" (Pietroluongo, 2009, p. 2). Portanto, para ele, no momento em que a existência se fechava para o sufocar, só havia uma linha de fuga: partir para a capital do Império, onde suas habilidades intelectuais poderiam abrir-lhe as portas de uma carreira profissional e onde sua escrita artística poderia lhe servir de ferramenta para a modelagem de uma vida que já não lhe parecesse morta de partida:

> Aos vinte e um anos volto ao Brasil, sem fortuna e sem proteção (...). Chego em 1846 ao Rio com 200$000 réis no bolso, vivi sempre de cabeça erguida, não cometi nunca uma indignidade, não tinha de que me envergonhar diante dos homens e tenho a dita de granjear outros amigos (Carta 293. A Antônio Henriques Leal. Não datada. Anais da Biblioteca Nacional, vol 84, p. 414).

Os trechos acima transcritos são de uma das últimas cartas escritas por Gonçalves Dias, logo antes da fatídica viagem que lhe daria por sepulcro o mar. Naquele momento, atravessado pelas dolorosas vibrações do presente, ele retomava o passado e recontava a si mesmo e a seu futuro biógrafo – Antônio Henriques Leal, destinatário da carta – os começos de sua jornada. Sabia, a essa altura, que o autor

CC BY NC SA

não é algo que decorra apenas da escrita, mas que, na verdade, decorre da ordem do discurso. É no interior de formações discursivas específicas que o autor, enquanto posição-sujeito, funciona (Foucault, 2009).

Ressalta nos trechos transcritos o esforço para conciliar o objetivo espiritualmente elevado de se constituir como homem de letras – e mais que isso, poeta – com as prosaicas necessidades da simples subsistência. Em termos concretos, tratava-se de consolidar uma carreira literária, mas também de se encaixar na estrutura do Estado, na administração pública. Os anos em Portugal ao lado dos filhos da elite brasileira tinham lhe dado acesso não apenas aos salões, mas também às saletas dos donos do poder, de modo que ao partir para o Rio de Janeiro, ele tratou de conseguir cartas de recomendação que lhe abrissem portas e, se bem que não garantissem nada, facilitariam as coisas. No que se refere ao seu ingresso no mercado editorial, ele foi cuidadoso – entendia perfeitamente que no cenário político do Brasil as simpatias partidárias poderiam levar um homem ao ostracismo, de modo que evitou imprimir seu primeiro livro em uma gráfica ligada a jornais políticos, como escreve a Alexandre Teófilo em 27 de agosto de 1846:

> ...cartas de recomendação não servem se não de apoquentação; e fazer e receber visitas — nada mais. Ora eu tenho mais que fazer. Como sabes, vim de lá com tenção de imprimir o meu volume de Poesias na Imprensa do Inácio; aqui porém me disseram que talvez eu me fosse criar prevenções contra mim imprimindo a minha primeira obra em uma Imprensa de partido; achei que havia nisto um fundo de razão e desisti do meu proposto. O Serra falou com o Laemmert, e ele prestou-se prontamente — está já no prelo; estamos em pág. 64 — tem sofrido alguma demora porque o Laemmert meteu-se agora em imprimir folhinhas (Carta 28; a Alexandre Teófilo; de 27 de agosto de 1846. Anais da Biblioteca Nacional, vol 84, p. 47).

A publicação do livro *Primeiros Cantos,* ao qual a carta alude, inicialmente passou em branco pela *intelligentsia* e pelo público leitor geral da corte. Orgulhoso, Gonçalves Dias não negociou elogios, por mais que os desejasse: ele aguardou que alguma repercussão trouxesse para o livro a notoriedade que ele mesmo necessitava para si, e que tal reconhecimento finalmente abrisse-lhe as portas do futuro sonhado. Apenas no ano seguinte, 1847, o livro receberia uma crítica no órgão de imprensa mais

CC BY NC SA

importante da capital, *Sentinela da Monarquia*, subscrita por um desconhecido Hyeronimus, cuja identidade nunca se pôde averiguar com certeza. Em seguida, o *Jornal do Comércio* publicou um artigo do influente Firmino Rodrigues da Silva em saudação ao jovem poeta (Marques, 2004). A consagração, entretanto, só se deu com a inesperada crítica de Alexandre Herculano – o maior escritor vivo da Língua Portuguesa à época, e o mais admirado pelo poeta estreante. A análise de Herculano situa-o no limiar entre a morte da Literatura Portuguesa e o nascimento de uma Literatura Brasileira – é notável o fato de que sem conhecer a biografia do neófito, Herculano também o posicione em um marco da independência literária do Brasil. Gonçalves Dias se exalta:

> Todos sem exceção hão de confessar que o Magalhães terá sido grande cousa, mas que eu nem lhe sou discípulo, nem inferior. Todo meu empenho, digo-te muito em segredo e todo cheio de vergonha, é ser o Primeiro Poeta no Brasil, e, se houver tempo, o primeiro literato. Creio que é nobre ambição – emprego somente vigílias e estudos: não usei, e creio que já agora não me será preciso usar da intriga. Acredita ou não. Não conheço, nem sequer de vista, um só dos que têm escrito a meu respeito: não consenti que um só dos meus amigos me elogiasse; e nos anúncios fui tão conciso e tão parco deles que mais não podia ser (Dias *apud* Pereira, 1943, p. 85).

No segredo da carta ao amigo que mais amou, Antônio manifesta a percepção de que nenhuma vida seria possível fora da escrita, do exercício da escrita, da entrega total à tarefa de escrever – e se outras possibilidades houvesse, das intrigas e da adulação, por exemplo, ele as recusava por completo. Desejava *escrever-se*, mas igualmente *ser escrito*: apesar do paradigma individualista, subjetivista, intimista, do Romantismo ao qual sua estética programaticamente se filiava – ou talvez exatamente para escapar da clausura da eterna *autografia* e respirar os ares de um "fora" da escrita, que é ainda uma vez escrever – o jovem Gonçalves Dias desejava ser traçado por linhas outras com as quais pudesse tramar. E esse entremeado de linhas discursivas costuraram-no – em alguma medida de acordo com sua própria intencionalidade, mas também para além dela – a uma imagem do Brasil no tempo, uma imagem estética, uma imagem política:

CC BY NC SA

> Receber uma declaração de independência literária das mãos de um dos mais aclamados homens de letras da antiga metrópole, num momento em que a nação se construía e se consolidava politicamente, certamente a revestia de um aspecto mais do que simbólico, pois era também político. Com a exaltação de Gonçalves Dias feita por Herculano, o Império Brasileiro não era mais independente apenas politicamente, ganhara o aval para ser autônomo em sua literatura e história, e não seriam justamente essas duas esferas entre as principais responsáveis pela construção da nação? (Fernandes, 2014, p. 02).

Assim confluem para a poesia de Gonçalves Dias diferentes linhas de desejo do Brasil do segundo Reinado. Seu afastamento dos partidarismos livrou-o de ser rotulado como um escritor liberal ou conservador – ele estava na fronteira. Mas, principalmente, sua invenção de um nacionalismo não antilusitano foi fundamental para atrair a atenção do Império – uma vez que, discursivamente, o Estado brasileiro vivia a contradição que também é um limiar de romper com a metrópole, mas manter uma dinastia de origem metropolitana.

Gonçalves Dias oferece, portanto, uma chave de significação que será explorada pelo Império para a construção de uma ideia de nacionalidade, enquanto para os historiadores, na condição de sujeito signo de uma época, Dias oferece uma chave de leitura de seu tempo. Gonçalves Dias foi admitido como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB em 1847, e seu pensamento passou, então, a exercer forte influência sobre a História e a etnologia produzida por aquela instituição.

3. Entre o nativismo e o nacionalismo

Felisbello Freire, em *História Constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil*, de 1894, afirma que a vinda da corte de D. João VI, em 1808, evidenciou contradições que até então estavam apenas latentes na estrutura colonial: a presença da elite portuguesa em terras brasileiras teria intensificado a rivalidade entre europeus e autóctones, fazendo emergir um sentimento de *alteridade* – o que poderíamos chamar de gestação da identidade nativa:

CC BY NC SA

> Novos serviços vieram pesar sobre as despesas coloniais que além das necessidades - resultantes da liberdade comercial com a abertura de tribunais, de novas repartições para administração das finanças e da justiça, teve de sustentar uma corte europeia, emigrada de Portugal com uma cauda de mais de três mil aulicos, que entre nós veio arraigar-se como força parasitaria, consumidora de nossa riqueza. De mistura com estas vantagens, diz Armitage, alguns males sobrevieram: um enxame de aventureiros, necessitados e sem princípios, acompanhou a Família Real; foi necessário admiti-lo nos diferentes ramos da administração. A rivalidade sempre prevaleceu entre os portugueses e brasileiros natos, e este procedimento da parte do governo português tendia a aumentá-la (Freire, 1894, p. 36).

Uma das melhores maneiras de se iniciar alguma coisa, sem dúvida, é demonstrando que ela já existe. E no seu esforço de construir uma narrativa da República conforme a "psicologia"[5] da época, ou seja, segundo uma linha evolutiva progressiva na qual o presente já estivesse contido como *gérmen* no passado, Felisbello Freire constrói sua argumentação sobre um repertório socialmente compartilhado que ele sabia fazer sentido para seus leitores/interlocutores (Spink, 2013).

Assim, ele performa um discurso – que obviamente não inventou, mas mobilizou – segundo o qual haveria nas entranhas da alma do brasileiro uma rivalidade contra a metrópole portuguesa e seus herdeiros, e que tal rivalidade teria sido o motor das transformações sociais desde o início do século XIX. A questão, aqui, não é se tal rivalidade existe ou não em alguma hipotética alma, ou "psicologia" brasileira, mas que ela foi operada discursivamente no cenário político brasileiro, e que a atuação de Gonçalves Dias como um dos construtores da identidade nacional no reinado de Pedro II procurou se contrapor a ela em sua escrita e que a maneira como ele o fez estava estreitamente relacionada a como ele construía a si mesmo nesta mesma escrita.

Em *A evolução política do Brasil*, Caio Prado Jr. (1983) defende que a Independência teria sido uma *revolução* cujo processo se iniciou em 1808 e concluiu-

[5] A expressão "psicologia da época" é utilizada por Felisbello Freire no início do volume 1 de sua *História constitucional*, com um sentido sugestivamente próximo, embora muito menos preciso, de psicologia social, ou até mesmo de mentalidade.

BY NC SA

se em 7 de abril de 1831, com a abdicação de D. Pedro I. O reinado de Pedro I seria uma fase de transição, durante a qual os portugueses perseguiram o objetivo de recolonizar o país e em que o próprio Imperador permanecia vinculado à política e aos interesses portugueses. Pressionado por forças nativistas, Pedro I abdica em favor do filho, dando início ao período regencial. Para Prado Jr., é neste ponto que se iniciaria o processo de construção da nação brasileira. Segundo ele, o texto da Assembleia Constituinte de 1823 expressa em grande medida as tensões políticas e o projeto de dominação das elites agrárias na época: o teor fortemente nativista reflete um verdadeiro antilusitanismo. Uma das principais preocupações daqueles legisladores era controlar o "elemento português" que, desde 1820, com a Revolução das Cortes[6], tentava recolonizar o Brasil.:

> O que choca, em primeiro lugar é o xenofobismo extremado dos constituintes. No dizer de Aurelino Leal, o redator do projeto, Antônio Carlos, cada vez que escrevia a palavra estrangeiro tinha diante de si o fantasma português, que por seu turno evocava o espectro da recolonização. (...) A independência era de ontem, e o primeiro dever destes construtores do estado nacional brasileiro era naturalmente cortar para sempre as últimas amarras que ainda nos prendiam a Portugal (Prado Jr., 1953, p. 54 - 55).

Para Prado Jr., D. Pedro I foi um "instrumento dos autonomistas" na proclamação da Independência, mas eles estavam conscientes da contradição e dos riscos de ter no trono da nova nação não apenas um português, mas o próprio herdeiro do trono de Portugal. Com a carta de 1823, eles pretendiam fazer dele Imperador, mas praticamente sem nenhum poder. Seu governo foi marcado por conflitos com as elites e por autoritarismo, o que culminou com sua abdicação em 7 de abril de 1831.

Na passagem da década de 1830 para 1840, as demandas políticas de cunho nativista se refinaram, transformando-se em projeto de nacionalidade. Foi um período violento, marcado por intensa ação repressiva do Império através do Exército. Do campo político e militar, a questão da nacionalidade avançou para o

[6] A Revolução Liberal do Porto aconteceu em 1820, em Portugal, e foi um movimento militar que exigia o retorno de Dom João VI para Portugal, a restauração do Brasil como colônia portuguesa e a formação de uma monarquia constitucional.

CC BY NC SA

campo da cultura: é quando surgem as primeiras formulações do Romantismo no Brasil, com Domingos José Gonçalves de Magalhães, que retomava o antilusitanismo radical, pretendendo realizar em literatura o mesmo ideal de independência política. Conforme Dorighelo Jr:

> Tornava-se premente para o segundo reinado formular um discurso coeso sobre a nacionalidade. A definição do território vinha sendo bem-sucedida, mas era preciso definir o povo e sua história. Nesse contexto, a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, em 1838, viria responder a esta demanda e se tornou um espaço privilegiado de onde emergiam os discursos autorizados sobre o Brasil. Tratava-se de um projeto civilizacional – apropriando-se da História e da Geografia, o Instituto pretendia civilizar o tempo e o espaço em que estava inscrita a Nação Brasileira (Dorighelo Jr., 2008, p. 47).

Para Wehling (1983, p. 07), o IHGB "resultou da ação de uma elite política moderada, que procurou institucionalizar o novo país, em meio a graves problemas". O programa do Instituto ultrapassaria de muito os objetivos "desinteressados", puramente intelectuais, e adentrava declaradamente o campo da política e do disciplinamento da sociedade:

> Os fundadores do Instituto pertenciam, em geral, aos quadros políticos moderados que, opondo-se ao absolutismo e à lusofilia dos últimos anos do primeiro reinado, recusaram também o liberalismo radical e o republicanismo do período regencial. Constituíam por isso o partido do regresso, da ordem ou (depois) conservador. Associam-se, assim, os estudos históricos à sorte da monarquia constitucional (Wheling, 1983, p. 08).

O Instituto nasceu sob as mesmas influências e condicionamentos econômicos da Constituinte de 1823, porém, passados dezesseis anos e superadas as preocupações com a recolonização, era possível assumir uma posição menos reacionária, o que foi fundamental para a elaboração do programa de escrita da história do Brasil.

A fundação do IHGB data de apenas dois anos após a publicação da obra *Suspiros Poéticos e Saudades,* de Gonçalves de Magalhães e — emerso no mesmo caldo de influências culturais, intelectuais e ideológicas — tal como o poeta, o

BY NC SA

Instituto se orientava por um Romantismo de linha francesa, afinal, a exaltação nacional romântica caía como uma luva ao projeto nacionalista da elite imperial. Entretanto, como o jovem país não possuía uma história medieval, recorria-se ao passado indígena como objeto de idealização. A revista do IHGB, fundada em 1839, trazia o tema indígena em suas páginas – antecipando-se ao indianismo literário de Gonçalves Dias e José de Alencar. Mas é com a ascensão intelectual de Gonçalves Dias que o romantismo histórico do IHGB se consolida, se cristaliza na cultura, substituindo a postura antilusitana de Magalhães por uma postura conciliadora. Apesar de limitada pelas metanarrativas oitocentistas marcadas pela expectativa de um devir histórico transcendental como síntese ou como "realização" de um caráter essencial e intrínseco, tal postura foi tornada possível pela posição subjetiva intermédia experimentada por Gonçalves Dias: em seu corpo limítrofe, táticas de sobrevivência, artes de invenção da existência.

4. Andarilho na fronteira: os escritos de Gonçalves Dias e a produção da diferença

Com a consolidação de Pedro II, a negação radical de Magalhães da herança portuguesa – e até das relações brasileiras com Portugal – se tornava anacrônica, desaconselhável. Gonçalves Dias apresentou seu projeto literário de formação da identidade – inicialmente definida pela palavra "americana" e posteriormente "brasileira" – sem estabelecer uma oposição/polaridade Brasil-Portugal. Sua tática consistiu em supervalorizar aspectos politicamente neutros da nação nascente, a saber: a natureza exuberante e os índios, ainda que estes fossem sempre personagens de passado mítico idealizado, imagens mortas e reprocessadas e heroicos ameríndios mais parecidos com cavaleiros da literatura carolíngia do que com qualquer nativo que habitasse ou tivesse habitado efetivamente o território ora brasileiro:

> Durante o romantismo (...) os europeus buscavam nas suas raízes medievais, inspirações para comporem seus poemas. No Brasil (...) a solução era acatar aquilo que fosse brasileiro, daí uma

BY NC SA

> controvérsia: se os poetas falassem do homem branco, este não era brasileiro genuíno, pois descendia dos europeus, o negro se tornava inviável, pois sua origem africana também o colocava a margem daquilo que pretendiam os românticos (...) a solução para criação de uma Identidade Literária era utilizar o índio, este era o elemento genuinamente brasileiro (Grizoste, 2013, p. 247).

Configura-se uma série de elementos simbólicos, estéticos e políticos que se sobrepõem na elaboração do que virá a se tornar o discurso oficial da nacionalidade – e que, coerente com o projeto político das elites imperiais, foi incorporado ao projeto da história nacional que começava a ser construído. Com Gonçalves Dias, o romantismo superou o ranço antilusitano, assumindo aspecto mais atraente para as elites brancas, sem perder o teor nacionalista: o poeta elege temas e símbolos que passavam ao largo das contradições mais evidentes da sociedade oitocentista: presença da dinastia bragantina, continuidade das aristocracias agrárias coloniais e, sobretudo, escravidão. O romantismo de Gonçalves Dias ofereceu uma fórmula de equilíbrio. Deste romantismo se apropria o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na década de 1850, quando o poeta se torna um de seus sócios. Conforme Gonçalves e Faria:

> (...) o indianismo, romântico em seu aspecto estético e nacionalista em seu lado político, formulou as sínteses retóricas e literárias essenciais sobre as quais deveria repousar o monumento simbólico representado pela ideia de nação brasileira, produzindo uma justificação histórica e uma tradição para essa nação" (Gonçalves; Faria, 2013, p. 425).

A maneira *conciliadora* – a mesma palavra é utilizada por Arno Wehling para definir a política de Pedro II – como Gonçalves Dias elaborou um projeto de nacionalidade fica muito bem representada no prólogo do seu segundo livro, *Segundo Cantos e Sextilhas de Frei Antão*, ao falar das relações existentes entre as literaturas portuguesa e brasileira:

> Variei o rithmo das sextilhas para que não cançasse; quiz ver enfim que robustez e concisão havia nessa lingoagem semi-culta, que por vezes nos parece dura e mal soante, e extreitar ainda mais, se for possível, as duas litteraturas — Brasileira e Portugueza, — que hão

BY NC SA

> de ser duas, mas semilhantes e parecidas, como irmãs que descendem de um mesmo tronco e que trajão os mesmos vestidos, — embora os trajem por diversa maneira, com diverso gosto, com outro porte, e graça diferente (Dias, 1848, p. VI, ortografia original).

As *Sextilhas* são, na verdade, um pastiche da literatura arcaica portuguesa que Gonçalves Dias escreve sob um tipo precursor do heterônimo pessoano: Frei Antão não é um pseudônimo, é uma personagem que se situa em um momento pretérito da história portuguesa, que Gonçalves Dias encarna enquanto escritor, como a encenar um drama dentro de si:

> adoptei por meos a frase e o pensamento antigo, procurando tornar o estylo liso e fácil que não desagradasse aos ouvidos de hoje, e dar ao pensamento a cor forte e carregada d'aquelles tempos, em que a fé e a valentia erão'as duas virtudes cardeaes, ou antes as únicas virtudes. Colloquei-me no meio d'aquellas epochas de crenças rigidas e profundas — talvez de fanatismo, — e esforcei-me por simplificar o meu pensamento por sentir como sentião os homens de então, e por exprimil-os na lingoagem que melhor os pode traduzir — a dos Trovadores (Dias, 1846, p. V, ortografia original).

A ironia política de Dias é aqui particularmente refinada, pois, sendo o consagrado inaugurador da Literatura Brasileira, escolhe passar-se por um autor português arcaico. E nessa encenação, acaba por trazer à tona o barbarismo, o embrutecimento, a simplicidade, a infância *civilizacional* do próprio português. E daí se vê perfeitamente autorizado a afirmar que a literatura portuguesa não é mãe nem pai da literatura brasileira, mas que ambas seriam irmãs que se comportam de maneiras diferentes. Assim, sem o recurso ao enfrentamento, num tom cordial e conciliador, Dias afirma a igualdade entre literatura, nação brasileira e literatura portuguesa e, por extensão, a paridade civilizacional de ambas as nações. Não obstante, provavelmente sem se dar conta, Gonçalves Dias termina por nos dar a ver nessa operação mais uma fronteira na qual se posiciona e em cujo intervalo sua subjetividade luta para se sustentar – o idioma português, agora também idioma brasileiro.

O poeta lança mão de um personagem português, situa-o no passado de Portugal, escreve em idioma português, fazendo ranger num jogo de imitação uma

CC BY NC SA

forma antiga da poesia inaugural portuguesa, a dos trovadores, para erigir com isso a mais autorizada literatura brasileira. O idioma é transformado em lugar não de disputa de identidade, mas de produção da diferença, um ponto de encontro, mas também de separação entre *o ser* de Portugal e o ser do Brasil, lugar onde nada terminou, mas algo começa a surgir, notadamente, um lugar de fronteira, um intervalo, onde a subjetividade põe-se a explorar.

Considerações finais

Antônio Gonçalves Dias foi um artífice da nação. Nascido em meio aos distúrbios da Independência, filho de um português defensor da continuidade do pacto colonial, trazendo no sangue e no corpo as marcas da mestiçagem racial – sem ser exatamente um pobre nem fazer parte da elite. Compartilhou com o Brasil recém-saído da condição de colônia a mesma condição intervalar, híbrida, complexa e problemática na construção de uma identidade. Operando nestas regiões fronteiriças, soube ser também um artífice de si.

As primeiras manifestações contundentes de um sentimento de diferenciação do "brasileiro" em relação ao colonizador parecem ter aparecido durante a permanência da família real portuguesa no Brasil, num sentimento nativista que culminou com a proclamação da Independência. Este nativismo se radicalizou durante o Primeiro Reinado, mas a partir de 1839, com o início da política de conciliação que marcaria todo o segundo reinado e com o advento do movimento romântico no Brasil, começa a se formar uma agenda nacionalista na produção literária e em outros campos da cultura brasileira. A fim de formar as bases discursivas deste projeto, a elite branca imperial forma, em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, que mais do que uma instituição acadêmica, foi um instrumento de construção da identidade nacional – seu projeto compreendia "civilizar" o tempo (história) e o espaço (geografia) do país.

O lançamento de *Primeiros Cantos* (1846), de Gonçalves Dias, e sua grande repercussão nos meios intelectuais, ofereceu àquela elite uma importante

CC BY NC SA

construção estético-política da história e da identidade nacional. A experiência com a alteridade permitiu a Gonçalves Dias situar sua proposta em um ponto fronteiriço – o que não significa equilibrado nem híbrido – entre a colonização portuguesa e o antilusitanismo nativista, oferecendo ao Império do Brasil as formulações moderadas e conciliadoras que necessitava, sem tocar em problemas sociais mais urgentes e evidentes, tais como a escravidão. Assim, a experiência individual de Gonçalves Dias e a história política do país em seu momento repercutem-se, chocam-se, afinam-se e se retroalimentam, num jogo de produção de signos e de mobilização de repertórios – ambas engajadas num projeto de construção de identidade, que só podia ser posto em prática por meio do exercício problemático, desafiador, constantemente paradoxal e inescapável da escrita.

É perceptível, pois, a confluência entre o projeto pessoal de Gonçalves Dias nos seus esforços para constituir-se sujeito destacado da literatura brasileira e os esforços da elite imperial brasileira para conformar uma identidade nacional para a nação Brasil. Estas duas referências históricas – o sujeito e a nação – nos ajudam, no campo da história, a refletir sobre a constituição de uma identidade nacional brasileira.

Referências

Anais da Biblioteca Nacional, Volume 84 – *Correspondência Ativa de Antônio Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1964. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1964_00084.pdf

BANDEIRA, Manoel. A Vida e Obra do Poeta**.** *in* DIAS, Antônio Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida.* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua.* Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário.* Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DIAS, Antônio Gonçalves. *Primeiros cantos: poesias de A. Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Tipografia universal de Laemmert, 1846. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4135

DIAS, Antônio Gonçalves. *Segundos cantos e sextilhas de Frei Antão.* Rio de Janeiro, Tipografia Clássica de José Ferreira Monteiro, 1848. Disponível em: https://archive.org/details/segundoscantos00dias

DORIGHELO JR, César Augusto. *Os indígenas nas páginas da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1878 – 1873).* Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2008.

FERNANDES, Andreia Camila de Faria. *A fabricação do imortal: Gonçalves Dias e o mito de fundação da identidade brasileira*. Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH – Rio: saberes e práticas científicas (28 de junho a 01 de agosto de 2014). Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400533667_ARQUIVO_Afabricacaodoimortal-textoAndreaANPUH2014.pdf

FERNANDES, Andréa Camila de Faria. *De esperançoso menino do Maranhão a poeta nacional: a consagração da memória de Gonçalves Dias*. Tese (doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. SãoPaulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 7 ed. Tradução de Antonio Fernandes Cascais. Lisboa: Vega, 2009.

FREIRE, Felisbello. *História constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil.* Vol 1. Segunda Edição. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1894.

GONÇALVES, Marcia de Almeida & FARIA, Andréa Camila de. *Entre Projetos Literários e Políticos: a literatura de Gonçalves Dias e a identidade brasileira. In* Leopoldo Gil Dulcio & ADLER, Dilercy Aragão (org). Sobre Gonçalves Dias. São Luís, EDUFMA, 2013 (p. 421 - 428).

GRIZOSTE, Weberson Fernandes. A dialética da construção em I-Juca Pirama. In VAZ, Leopoldo Gil Dulcio & ADLER, Dilercy Aragão (org). Sobre Gonçalves Dias. São Luís, EDUFMA, 2013 (p. 241 - 256).

HERCULANO, Alexandre. Futuro Literário de Portugal e do Brasil. *Revista Universal Lisbonense*, vol. VII, p.. 5-8, 9 de dezembro de 1847. Disponível em https://archive.org/details/revistauniversa01unkngoog.

CC BY NC SA

LEAL, Antônio Henriques. *Pantheon maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos.* ed. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987.

LEAL, Antonio Henriques. *Poemas posthumos de Antônio Gonçalves Dias precedidos de uma notícia de sua vida e obras pelo Dr. Antônio Henriques Leal.* (Vol 1). São Luís – MA: Impressor Belarmino de Matos, 1868.

MANSANO, Sônia Regina Vargas. *Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade*. Revista de Psicologia da UNESP, 8(2). 2009. 110-117.

MARQUES, José Wilton. *O poeta o poder: favores e afrontas*. Itinerários, Araraquara, 22, 173-186, 2004. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2789.

MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luiz Bonaparte*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MORAES, Jomar. *Gonçalves Dias: vida e obra*. São Luís: Alumar, 1998.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

PIETROLUONGO, M. A. *Sujeito, Signo e Tradução*. In: Tradução em revista, número 7, p. 01-08, 2009.

PRADO JR, Caio. *Evolução política do Brasil: colônia e império*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.

PRADO JÚNIOR, Caio. Evolução política do Brasil e outros estudos. São Paulo: Brasiliense, 1953.

SPINK, Mary Jane P. & FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, Mary Jane P. *Práticas de sentido e produção de sentidos no cotidiano.* Rio de Janeiro: CEPS, 2013.

WEHLLING, Arno. *As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro: IHGB, 1983.

Recebido em: 31/03/2025.

Aprovado em: 21/04/2026.